

Atentados , expurgos , detenções

“O seu objetivo é nos destruir. Mas tenho certeza de que também vamos resistir a essa ofensiva”, disse o presidente da República, Erdogan, há algumas semanas, pedindo a seus apoiadores que troquem seus dólares em libras turcas para, segundo ele, deter a forte desvalorização do último.

Se esta campanha certamente não contribuirá para a recuperação da economia turca, a anedota mostra o espírito com o qual Erdogan está agindo: enfrentar um enredo ocidental sem fim (desde a revolta de Gezi até o fracassado golpe de Estado de 15 de julho de 2016...) liderado pelo que ele chama de “cérebro” (literalmente, a “razão suprema”) para não nomear diretamente os Estados Unidos. Além disso, manifesta a necessidade obsessiva de mobilizar permanentemente as camadas da população que a apoiam, para perpetuar o espírito de resistência e de unidade nacional-islâmica que se tinha formado na sequência da tentativa de golpe militar.

A repressão permanente

Em um ambiente em que toda a política parece estar reduzida à “luta contra o terrorismo”, ao anoitecer da sexta-feira, 6 de janeiro, outras 8.000 pessoas – funcionários universitários, funcionários dos ministérios de saúde e justiça, policiais, membros do Conselho de Estado – foram demitidas através da publicação de três novos decretos-leis promulgados pelo Conselho de Ministros sob a presidência de Erdogan. Estes decretos, que também proíbem dezenas de associações, entre outras coisas, permitem facilitar o acesso da polícia aos dados pessoais dos utilizadores da Internet e, sobretudo, privar os cidadãos turcos no estrangeiro da sua nacionalidade se não regressarem no prazo de três meses após terem sido convocados pelo Estado turco.

As detenções arbitrárias prosseguem igualmente ao abrigo do estado de emergência. Embora o romancista Asli Erdogan e o linguista Necmiye Alpay tenham sido libertados após cinco meses de detenção (embora os processos judiciais contra eles continuem), o jornalista Ahmet Sik tem agora de ir para a prisão. A prisão de Sik é surpreendente porque ele é um especialista na irmandade Gülen (o suposto organizador do golpe), que expôs a infiltração deste último no aparelho de Estado e que já passou um ano na prisão em 2011, após um julgamento orquestrado pelos procuradores de Gülen.

Naquela época, Erdogan, um aliado dos gulenistas, proferiu sua famosa frase: “Alguns livros são mais perigosos que bombas”... em referência ao livro de Sik, que ainda estava sendo escrito na época. E embora depois do golpe fracassado, Sik tenha sido convidado para os estúdios de televisão como perito do movimento Gülen, hoje está detido por propaganda a favor da organização Gülenist e do PKK!

Também vale a pena mencionar o caso do estilista Barbaros Sansal. Uma popular figura anti-AKP, que estava na véspera de Ano Novo no norte do Chipre, foi enviada à Turquia sob pressão das autoridades turcas após a transmissão de um vídeo no qual ele disse que a Turquia poderia “se afogar em sua merda”. Ao chegar a Istambul, foi linchado pelo pessoal do aeroporto e preso.

Os frutos apodrecidos da política de Erdogan

O abominável ataque a um clube nocturno em Istambul, na véspera de Ano Novo, que causou a morte de 39 pessoas e cujo autor ainda é procurado, foi reivindicado pelo Estado Islâmico (EI). No entanto, é inegável que este massacre ressoa com a propaganda anti-novo ano (segundo a qual seria uma celebração contrária aos “nossos valores” e, portanto, de alguma forma, cristã) levada a cabo por instituições estatais e levada às ruas por grupos islâmicos, que têm vindo a praticar actos de violência contra o Pai Natal.

Por sua vez, as numerosas manifestações de alegria expressas nas redes sociais, diante do massacre dos “não crentes”, mostram a profunda brecha dentro da sociedade turca e a radicalização do conservadorismo religioso sob o AKP, ao mesmo tempo em que suscitam a preocupação dos setores seculares e iniciam um amplo debate sobre a deslegitimação do estilo de vida ocidental e secular pelo regime de Erdogan. Cidadãos que tinham ido depositar flores nos locais do atentado foram presos, e jovens militantes da extrema esquerda, que condenaram as atrocidades do EI distribuindo panfletos, foram presos e colocados em prisão preventiva... Tudo isto na mesma semana em que um membro do EI, que tinha servido a organização em Mosul, foi libertado sob vigilância sob o pretexto de que tinha um endereço fixo!

Cinco dias depois, um carro armadilhado atacou o Palácio da Justiça na cidade de Esmirna. Um zelador, um polícia e dois dos perpetradores do ataque foram mortos. O ataque não foi reivindicado, mas o Estado turco atribuiu-o ao PKK /1.

O realinhamento – aberrante e atestando o fracasso da sua política intervencionista – de Ancara com o eixo Rússia-Irã, bem como a sua obstinação em recusar reconhecer o processo de autodeterminação curda na Síria, continuarão sem dúvida a ter consequências no interior do país. Mas a primeira preocupação de Erdogan é aproveitar uma situação caótica, pela qual é o principal responsável, para consolidar a sua ditadura, nomeadamente através da transição para um sistema presidencial. Para o efeito, está atualmente a ser votada no Parlamento uma alteração constitucional.

Original: [Viento Sur](#)